

INSTABILIDADE DA FAMÍLIA

GUSTAVO CORÇÃO

A crise da família não resulta primariamente de um problema econômico, político ou psicológico. É uma crise metafísica. Constitui um episódio da crise geral que experimenta a humanidade no "tournant de l'histoire" que está vivendo. Nela se manifesta o supremo paradoxo da insegurança de uma civilização que faz da segurança um ideal supremo.

MAIS de um autor já assinalou a paradoxal insegurança desta civilização que fêz da segurança, da estabilidade, um ideal supremo. Aí estão diante de nossos olhos os mil aparelhos institucionais e os cem mil aparelhos físicos inventados para aumentar a firmeza do passo do homem neste mundo; e aí estão, não menos visíveis, os sinais de frenesi, de nervosismo, de desamparo anímico, de desconforto profundo, de angústia e de medo — sinais que são os traços mais característicos da fisionomia desse monstro de contração chamado "homem moderno".

Os historiadores nos dizem que estamos vivendo um *tournant de l'histoire*, e os filósofos nos advertirão que essa curvatura, acompanhada de vertigens e solavancos, vem do fato de estarmos realizando uma revisão profunda de valores e sentenças. Seja como fôr, não deixa de ser curioso o aspecto paradoxal do resultado colhido por uma civilização

que se inaugurou pelo advento do espírito burguês, para o qual o mundo parecia — ao contrário do que pensavam os medievais — o *habitat* natural e definitivo. A partir desse otimismo nutrido de uma colossal confiança nas forças do homem — ciência, técnica, progresso, equilíbrio social baseado na coesão individual dada pelo egoísmo etc . . . — o mundo ocidental edificou a cidade liberal em que a mais alta instituição política tinha a função precípua de proteger, como um guarda-noturno, o sono tranqüilo dos afortunados. Tudo se orientava para a mesma estrêla polar do humanismo antropocêntrico que, no dizer de OLIVER BRACHFELD, constitui o postulado fundamental de tôda a sociedade burguesa (em espírito). Ora, os resultados estão aí para nos mostrar, mais uma vez, o que JACQUES MARITAIN chamou “dialética interna do êrro”. Nunca o mundo foi tão inseguro e tão angustiado. O observador superficial que vê nossas fachadas de pedra e cal, e lembra, por exemplo, as aldeias lacustres do homem primitivo, concluirá que galgamos enorme progresso de segurança, e que a nossa vida moderna é mil ou dez mil vêzes mais certa, mais prevista, mais regrada, mais garantida do que a dos povos primitivos. Na verdade, porém, não houve tal progresso. Qualquer psiquiatra nos dirá que há qualquer coisa nos ares desta civilização, ou dêste *tour-nant de l’histoire*, que dá vertigens nas almas, e que faz a emanção de intranqüilidade social atravessar as paredes das casas mais fechadas e dos corpos mais fechados.

O homem das cavernas tinha um mêdo muito objetivo e muito razoável. Tinha mêdo de feras. Às vêzes tinha mêdo de feras imaginárias que deitavam chamas pela bôca. Essa atitude seria infantil, mas não deixava de ser sadia. Posso estar enganado a respeito de uma sombra, e ter mêdo dela, supondo-a de um dragão. Êsse mêdo tem boa fundamentação interior, pois é razoável temer dragões, embora não tenha boa fundamentação exterior. É um mêdo, digamos assim, que se elimina quando se acendem as famosas luzes do século. Mas o mundo moderno inventou uma epidemia de mêdo interior que tem a esquisita propriedade de não ter nenhuma correspondência no mundo exterior. É êsse não se cura com as mil razões da técnica e da ciência. Disjunção profunda da

alma, inimizade entre o eu e o eu, conflito e discórdia entre sombras invisceradas, a neurose é a nova confusão desta raça orgulhosa.

Mas não é somente no interior das almas traumatizadas pelo exercício do egoísmo que se encontra o desamparo e o susto; externamente, com a condensação dos blocos nacionais instalados também no orgulho ou no ressentimento, temos em nosso século uma ameaça de dimensões planetárias! E aqui estamos nós, os habitantes dêste tormentoso e glorioso século, a tremer com razões e sem razões; e com os nossos tremores tremem também as normas, os sentimentos, os aparelhos éticos e filosóficos, e tôdas as instituições firmadas na natureza das coisas ou simplesmente produzidas pelas ilusões de uma época. Ora, nessa agitação generalizada, nesse tremor de terra produzido pelo tal *tournant de l'histoire*, é difícil saber quais são os valores perenes e quais os efêmeros. Eu imagino o nosso século como uma baldeação dessa enorme e desvairada caravana. Estamos a mudar de comboio, e nessa azáfama não sabemos ao certo qual é a parte da bagagem que vale a pena mudar e qual é a outra, e trambolho dos tempos idos, que não merece o sacrifício. Certas almas querem deixar tudo, por acharem que tudo o que foi feito no passado está hoje superado; outras querem trazer para o novo vagão tudo, invocando às vêzes, em defesa de tal loucura, o conceito cristão de tradição. Ora, entre os diversos pacotes da bagagem está a instituição familiar. Para muitos a família é um grupo social desusado, que deve ser dissolvido dentro do Estado; para outros a família deve permanecer, como sociedade de direito natural e transcendente à história. Infelizmente, os defensores da família muitas vêzes querem conservá-la com a fachada que tinha no século passado, e com a caiação dessa fachada, ainda que o interior se deteriore.

A instabilidade da instituição familiar salta aos olhos; e para duas observações comparativas não precisamos de séculos de intervalo. Quem hoje tenha sessenta anos pode dar testemunho pessoal da mudança, da desorganização da sociedade familiar, como de coisa vista com seus próprios olhos. Basta-nos volver as atenções da memória para os

tempos de nossa infância para termos a inabalável convicção de que houve um profundo processo de deterioração. Não se trata, certamente, de um dêsse muitos erros de perspectiva que nos levam a julgar o estado das coisas pelo estado de nossa alma, ou de nosso corpo. “Mudei eu, ou mudou o Natal?”, pergunta aflito MACHADO DE ASSIS. Mudou o Natal; mudou a família. A instituição que representava o máximo papel na procura da estabilidade, a casa que era o castelo ainda que fôsse cabana, o lar, o reduto de intimidade e sossêgo, a Casa de Família tornou-se hoje um lugar incerto, uma obsoleta instituição. Os psicólogos que acompanham o fenômeno dizem que o lar segue o caminho clássico de todos os órgãos e instituições que perderam sua função, e conseqüentemente sua razão de ser. Muitas coisas, no mundo moderno, contribuem para a perda de função da Casa de Família. No Oriente e no Ocidente, no mundo totalitário que resolveu guardar numa espécie de conserva todos os erros brutais da sociedade liberal, e no mundo livre que se debate na procura de novos eixos, a Casa de Família tem sido desprestigiada e desempossada de suas elevadas dignidades. Coisas pequenas, como, por exemplo, as cantinas em que se improvisa um almoço, ou as costureiras que num vão de porta pregam botões e tornam invisíveis os rasgões das calças; ou coisas grandes, como por exemplo, o Estado soviético, ou o ensino ditado pelos ministérios — tudo isso contribui para a mesma desclassificação da antiga instituição onde se cozinhavam três ou quatro refeições, onde se pregavam os botões, se ensinavam as crianças, e todos juntos, unidos pelo nome, pelo sangue, pelo pão, pela linha da costura, pelas paredes opacas, viviam numa tranqüilidade, numa paz de espírito que hoje em vão procuraremos.

Como poderíamos nós explicar, não digo os episódios todos dessa longa e complexa história, mas ao menos o processo daquela tremenda contradição que leva ao desassossêgo e ao *delirium tremens* uma sociedade que de todos os modos procurou a segurança? A solução de tão grande problema ultrapassa os limites e as dimensões da história, da sociologia, da psicologia empírica e da economia. A causa profunda do fenômeno está justamente naquele ponto de partida: a pro-

cura da estabilidade em *estilo burguês*, isto é, a procura de uma segurança exterior, mundana, em detrimento da estabilidade do coração e da segurança do espírito. Quem procura êsse tipo de firmeza no mundo, como se o mundo fôsse o verdadeiro e definitivo *habitat* do homem, e como se nos horizontes terrestres estivesse limitado nosso destino, terá inevitavelmente a sorte que teve esta inquieta civilização. Não é postulado burguês o ideal de segurança ou estabilidade. Tal ideal, que mereceu as honras de um voto monástico, não é postulado do espírito burguês senão quando se aplica às coisas exteriores. Não há nenhum paradoxo nesse desejo de segurança que se transforma em delírio; o que há, o que houve foi um colossal equívoco. O mundo do homem passou a desejar violentamente uma coisa que não é primordialmente humana, e assim violentando a natureza espiritual do homem produziu o fruto amargo que todo desatino produz.

A deterioração da família seguiu o mesmo itinerário. Estando no ar dos tempos um ideal brutalizado e materializado, um ideal feito de egoísmo e inimizade, passou o veneno a fixar-se nos pulmões das almas, e daí se espalhou em tudo o que é do homem. A Casa de Família desmorona porque buscou aquêles mesmos alicerces de iniquidade, e fechou-se para agasalhar a mesma injustiça. Tornou-se instável por ter desejado um tipo desumano de estabilidade. Arruina-se hoje porque em seu nome, em defesa de sua concentração de egoísmos, arruinou as estruturas sociais. A sociedade vingá-se das famílias que a distorceram, e que ainda continuam a verter nas suas o mesmo fel de injustiça.

A família se torna mais instável, mais assustadoramente instável, na medida em que procura os esteios que contrariam a transcendência do homem sôbre o mundo. O que hoje se vê, na investida coletiva contra a instituição familiar, não é sômente o amor livre e o adultério transformados em costumes: é sobretudo uma gulodice geral de prazeres estereotipados, uma gulodice vulgar de dinheiro, e uma incontrollável avidez de viver fisicamente, pelo movimento do corpo, pela multiplicação de imagens engulidas nas ruas, nos cinemas, na televisão. Um tal furor anímico não se coaduna bem

com a função da Casa de Família; mas harmoniza-se perfeitamente com o ideal moderno que dá a fórmula de estabilidade burguesa, e a fórmula do frenesi burguês.

O problema que está armado para o mundo e para cada lar humano é um problema de espiritualidade, de concepção do mundo e da vida. Tudo vem do fato de sermos criaturas espirituais e carnis. Como explica PETER WUST, não pode haver descanso no mundo para êste bizarro composto de matéria e espírito. "O homem, ser inseguro por excelência, está para todo o sempre situado entre a Insegurança e a Ousadia." Ou, como diz o Apóstolo PAULO, "estamos no mundo e não somos do mundo". De nossa espiritualidade resulta uma abertura das potências da alma que bem nenhum terrestre poderá saciar; do fato de estarmos no mundo, resulta certa tendência — a *pesanteur* de SIMONE WEIL — de dirigir para as coisas do mundo as portentosas potências da alma. As duas coisas juntas dão o monstro de incoerência que povoa a face da terra.

O problema de família, antes de ser econômico, político, ou psicológico, é um problema metafísico e religioso. O paradoxo tem de ser experimentado às avessas para dar certo, e tem de seguir aquêles conhecidos ensinamentos evangélicos: para conseguir a estabilidade neste vale de lágrimas, é preciso abrir mão dela, num ousado ato de renúncia. Como no Japão só ficam de pé durante os terremotos as casas frágeis e leves, assim também, durante os movimentos císmicos da história, só subsistirão as casas leves, casas que não tenham a dureza dos fortíns ou que não pretendam ter a eternidade neste mundo. Em palavras mais chãs, a Família se torna instável porque se materializa. Materializada, mineralizada, a família segue a lei geral do universo físico, que é a da decomposição.